

FICHA TÉCNICA

Direção editorial: Carlos Alves, Presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
Redação e edição: Jorge Lopes
Revisão: Ana Correia
Composição: Cláudia Jaleco
Depósito Legal: 394 399/15
Edição n.º 10

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Paginação inspirada na edição n.º 1 do Diário de Notícias de 29 de dezembro de 1864

MERCADO OITOCENTISTA
ARRUDA DOS VINHOS

5, 6 e 7 JUNHO 2026

Propriedade: Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos

1826

(MDCCCXXV),
É um ano comum do século XIX do atual Calendário Gregoriano, da Era de Cristo. Teve início a um sábado e terminou também a um sábado (1 de janeiro e 31 de dezembro).

EDITORIAL

Arruda dos Vinhos em 1826:
Memória, Tradição e Raízes
no XI Mercado Oitocentista

No âmbito do XI Mercado Oitocentista, Arruda volta a recuar no tempo para celebrar a sua identidade, história e raízes. Este ano, evocamos 1826, uma data marcante também na história mundial, associada às primeiras experiências fotográficas do francês Joseph Nicéphore Niépce, símbolo da preservação da memória - tal como este mercado procura fazer com as tradições locais.

Arruda dos Vinhos revive, assim, o seu passado saloio através de um ambiente onde a etnografia e o folclore ganham vida. Entre ruas animadas e cenários cuidadosamente recriados, encontramos figuras típicas como a Saloia d'Arruda, que representa com orgulho o espírito genuíno da terra e das suas gentes.

A animação percorre todo o recinto com propostas para todas as idades: um carrossel artesanal que encanta

miúdos e graúdos, os imponentes robertos, os sons tradicionais dos gaiteiros e momentos de animação teatral e musical que transportam o público para outros tempos. As modas antigas populares ecoam pelas ruas, enquanto o teatro de marionetas desperta memórias e imaginação.

A componente gastronómica assume também um papel central, dando a provar receitas típicas saloias que são parte essencial da identidade local. Sabores como a encharcada, a ginginha e o hidromel convidam à descoberta e à partilha, mantendo vivas tradições que atravessam gerações.

Mais do que um evento, o Mercado Oitocentista é um reencontro com a essência de Arruda. Um espaço familiar onde história, tradição e comunidade se unem. É nas suas raízes que se constrói o presente e se projeta o futuro, celebrando uma identidade que continua viva até aos dias de hoje.

Até dia 7 de junho, Arruda dos Vinhos convida todos a fazer parte desta viagem no tempo.

Carlos Alves, Presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos

A NÃO PERDER NESTA EDIÇÃO
DO MERCADO OITOCENTISTA

DANÇAR COMO DANTES

Conheça as modas do povo antigo. A região ribatejana tem tradição no baile. Venha dançar, ao som da concertina, as modas de quatro, as valsas, a moda em linha e as modas de roda, e quem sabe até o fandango.

Aprenda com os nossos bailadores como se bailava no tempo da sua avó. Venha bater o tacão no terreiro. No *Dançar como Dantes* aprendem-se as coreografias de modas caídas em desuso: são passos e movimentos simples, que se aprendem na hora e, com o par que escolher, pode fazer uma figuraça se aprender a escovinhar e a sapatear.

Venha provar que é bom bailador e boa bailadeira. Venha dançar como dantes.

Domingo, 7 de junho, das 17h00 às 20h00
Adro da Igreja de Nossa Senhora da Salvação

P'la Terra Velhinha

A SALOIA E O SALOIO
D'ARRUDA

O Saloio é o irmão gémeo da Saloia. Há quem diga que já o viram no Vale Encantado. É bem disposto e sempre pronto para a festa. Adora o convívio, dançar e conversar. Dizem que inventa cada história que parecem duas...

Sábado e domingo, 6 e 7 de junho
Pelas ruas do mercado

Representação de Tânia Safaneta



CARROSSEL

É p'ro menino e p'ra a menina!
Durante o horário do Mercado
5, 6 e 7 de junho
Junto ao Chafariz



QUINTA DE S. SEBASTIÃO
SINCE 1755



JORNAL DO MERCADO,
A MEMÓRIA DO
SÉCULO XIX

POR JORGE E. LOPES

O *Jornal do Mercado* volta a afirmar-se como reflexo do tempo e da memória coletiva, reunindo as notícias que marcam o ano de 1826, entre acontecimentos do Mundo, do Reino de Portugal, das terras de Arruda e do programa dos 3 dias de *Mercado Oitocentista*. Ao longo das 10 edições, tem vindo também a afirmar-se como uma referência dentro do evento, com procura crescente por parte do público, graças ao seu conteúdo histórico e à forma como dá cada vez mais destaque a Arruda dos Vinhos, às suas tradições e às suas gentes. É uma forma de divulgação quase única neste tipo de iniciativas, cada vez mais organizada e rica em conteúdos.

Nesta edição, Portugal dá-se conta do falecimento de D. João VI, monarca de longa memória, apelidado de *O Clemente*. No plano político interno, prossegue a reorganização do Reino sob forte instabilidade. A regência, a Carta Constitucional e as disputas entre liberais e absolutistas desenhavam um tempo de incerteza, onde o futuro do Estado permanece em aberto. Ao mesmo tempo, destaca-se a promulgação da Carta Constitucional de 1826 por D. Pedro IV, documento que procura estabelecer uma nova ordem política para o Reino, conciliando poderes e redefinindo o papel da Coroa. Contudo, esta tentativa de equilíbrio gera divisões profundas e alimenta uma instabilidade crescente em Lisboa e nas províncias. A crise política agrava-se com notícias de agitação e resistência ao novo regime, levando mesmo ao encerramento das Cortes e à intervenção de forças estrangeiras britânicas na capital, num esforço para assegurar a ordem pública e sustentar o governo constitucional da Regência de D. Isabel Maria, futura D. Maria II.

Mas nem só de política se faz notícia. No domínio da cultura e das ideias, assistimos à publicação de um importante opúsculo de Almeida Garrett sobre o dever eleitoral, sinal de que o liberalismo procura educar e moldar o cidadão do novo regime.

Nas ciências e na inovação, surgem notícias de França que dão conta de uma descoberta extraordinária, a possibilidade de fixar imagens pela ação da luz, obra de

Nicéphore Niépce, abrindo caminho a uma nova era do olhar humano sobre o mundo.

Ao nível local, o jornal reforça também o seu papel na divulgação da história e identidade de Arruda dos Vinhos, dando a conhecer figuras como Ladislau Batalha, homem do mundo que aqui terminou a sua vida, e destacando elementos marcantes da paisagem e da vivência rural, como os moinhos, essenciais no ciclo do cereal e na produção do pão, base da alimentação das populações e durante muito tempo com extrema importância na economia local. *Raízes e Memórias de Arruda dos Vinhos* é uma rubrica que convida os arrudenses a conhecer as suas origens, e ao visitante, a percorrer caminhos antigos e paisagens que guardam a memória de uma identidade arrudense e do que é ser arrudense, enraizada no mundo saloio. Porque este jornal não é apenas um registo de acontecimentos, é um retrato da época oitocentista, em Portugal, em Arruda e no mundo, onde cada notícia é também uma viagem no tempo.

Sejam bem-vindos a mais uma edição do *Jornal do Mercado* e ao *Mercado Oitocentista*.
JEL

TRÊS DIAS DE
REGRESSO AO
PASSADO

Arruda dos Vinhos prepara-se, mais uma vez, para três dias diferentes. De 5 a 7 de junho, o centro da vila deixa o presente e abre espaço a um ambiente que lembra outros tempos. A XI edição do Mercado Oitocentista volta a ocupar largos e ruas, enchendo-os de gente, música, teatro e pequenas histórias que acontecem a cada passo.

Na sexta-feira, o arranque faz-se ao cair da noite. Às 19h00 abre o recinto do Mercado e, pouco depois, no Largo do Chafariz, dá-se a tradicional inauguração oficial, com o habitual desfile e cumprimento aos comerciantes, acompanhado por gaitas de foles. A partir daí, o mercado ganha ritmo, há música constante pelas ruas, movimento nas bancas e nas tabernas, e um ambiente que se vai compondo naturalmente. Às 22h00, no Jardim do Palácio do Morgado, sobe à cena o *Auto da Barca do Inferno*, de autoria de Gil Vicente e

introduzido por Almeida Garrett, numa encenação próxima do público. Logo a seguir, no Largo do Chafariz, o *Baile de Boas-Vindas aos Forasteiros* convida todos a dançar e a conhecer como se dançava antigamente.

O sábado começa mais cedo e traz um programa cheio. Durante a tarde, o mercado está em pleno: há animação musical contínua, os *Olhós Robertos* aparecem com o seu teatro popular e, no Jardim do Morgado, sucedem-se os espetáculos de marionetas, com personagens conhecidas aqui da terra a prenderem a atenção de quem passa. Pelo meio, há visitas guiadas pela vila e atividades participativas, como Tocar como Dantes, que puxam as pessoas para dentro da experiência.

Mas é à noite que o ambiente muda. No Chafariz, a *Encharcada* reúne o público num momento mais intenso e, depois, como é habitual, a música volta a ocupar o espaço, prolongando a noite.

No domingo, o mercado continua, com um ritmo mais leve, mas sempre animado. Repetem-se os espetáculos de marionetas, regressam os *Olhós Robertos* e a música mantém-se pelas ruas. Há também propostas mais participativas, como *Dançar como Dantes*, onde o público também entra.

Ao longo dos três dias, há sempre algo a acontecer fora do programa mais visível. A *Saloia* e o *Saloio d'Arruda* cruzam-se com quem anda no Mercado, os *Bando-leiros* aparecem de surpresa, e os *Contos e Fábulas* vão sendo contados aqui e ali. Na Praça dos Artífices, trabalham-se materiais como antigamente, à vista de todos, enquanto o carrossel artesanal vai rodando.

Durante três dias, Arruda dos Vinhos não é apenas cenário, é experiência. E é isso que faz com que, ano após ano, o mercado continue a crescer e a trazer gente de volta.

Seja bem-vindo ao Mercado Oitocentista!

TEATRO DE MARIONETAS
ANA LOIRA

A Ana Loira, uma personagem de Arruda, é uma contadora de histórias, geralmente com finais felizes. Da sua barriga abre-se um pequeno teatrinho de marionetas que ajuda a contar as histórias.

Por: Cabeças no Ar e Pés na Terra

Mais informações no programa do Mercado.

Sábado, 6 de junho às 17h00

Domingo, 7 de junho às 17h30

Jardim do Palácio do Morgado

AUTO DA BARCA DO
INFERNO

De autoria de Gil Vicente e introduzido por Almeida Garrett.

Esta adaptação de O Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente, para o Palácio do Morgado, em Arruda dos Vinhos, transforma o espaço histórico num palco vivo e simbólico, onde arquitetura e dramaturgia se fundem.

Colocamos Almeida Garrett a introduzir este génio da literatura Portuguesa Gil Vicente. Um espetáculo/percurso desde o

NOTÍCIAS DE
PORTUGAL

FALECEU SUA
MAJESTADE EL-REI
D. JOÃO VI

Faleceu na madrugada de 10 de março, no Real Paço da Bemposta, Sua Majestade Fidelíssima D. João VI, monarca conhecido pelo cognome de “O Clemente”, que governou num período marcado por grandes dificuldades, tanto em Portugal como nos territórios ultramarinos.

Nascido no Palácio de Queluz, a 13 de maio de 1767, era filho de D. Maria I e de D. Pedro III, pertencendo à Casa de Bragança. Inicialmente não estava destinado a reinar, mas a morte prematura do príncipe D. José, seu irmão, colocou-o na linha direta de sucessão, mudando profundamente o seu percurso.

Casado com a infanta espanhola Carlota Joaquina, filha de Carlos IV de Espanha, este matrimónio refletia as cautelas políticas de Portugal, que procurava manter a sua independência apesar da proximidade com Espanha.

D. PEDRO IV PROMULGA A
CARTA CONSTITUCIONAL
DE 1826

D. Pedro IV outorgou em Lisboa, em abril de 1826, a nova Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa, diploma que estabelece o enquadramento político do Reino e substitui a Constituição de 1822.

Diferente do texto anterior, elaborado pelas Cortes, esta Carta resulta de iniciativa do próprio monarca, assumindo um caráter mais moderado. Inspirada em modelos estrangeiros e na experiência recente, procura conciliar posições divergentes num país marcado por tensões entre liberais e defensores do absolutismo.

O novo regime mantém a Monarquia Constitucional e define a partilha de soberania entre o Rei e a Nação, atribuindo ao soberano um papel central. Entre as principais inovações destaca-se a criação do poder moderador, exclusivo do Rei, destinado a garantir o equilíbrio entre os restantes poderes, o legislativo, o executivo e o judicial.

As Cortes passam a funcionar em duas

jardim até à fachada interior do Palácio do Morgado. O público começa a ver o fidalgo na escadaria do jardim depois desloca-se pelo jardim onde vai encontrar o parvo, a ser julgado e termina no interior no pátio interior do palácio onde vamos assistir ao julgamento do sapateiro e por fim dos 4 cavaleiros.

Sexta-feira, 5 de junho às 22h00

Jardim do Palácio do Morgado

P'los Cabeças no Ar e Pés na Terra

Mais informações no Programa do Mercado.

TOCAR COMO DANTES

Assista a uma oficina artesanal da Terra Velhinha. *Tocar como Dantes* é uma experiência que dá a conhecer hábitos e saberes do povo antigo da região Centro.

Trata-se de uma história única, que se inicia na oficina de instrumentos tradicionais *Tocar como Dantes*: a história de Sebastião e Francisca, que, desde crianças, nascem num local de poucas abastanças e que, na juventude, se conhecem através da música e da dança.

Conheça o harmónio de uma e duas carreiras, a gaita de beijos, o bandolim, a guitarra portuguesa, a cana rachada, as pinhas



e ferrinhos, entre outros instrumentos de percussão, e, no final, pode também participar musicalmente.

Sábado, 6 de junho, das 16h30 às 19h30

Adro da Igreja de Nossa Senhora da Salvação

câmaras: a dos Deputados, eleita, e a dos Pares, composta por membros nomeados pelo Rei. O poder executivo permanece nas mãos do monarca, exercido com o apoio dos ministros.

A Carta conserva direitos fundamentais já consagrados, como a liberdade individual e a propriedade, e mantém a religião católica como oficial, permitindo, ainda assim, o culto privado de outras crenças.

No que respeita à participação política, o sistema eleitoral continua a ser indireto e baseado no rendimento, restringindo o acesso aos cargos públicos a uma parte limitada da população.

A nova Carta surge como tentativa de estabilizar o regime, embora divida opiniões e não ponha termo às tensões políticas que atravessam o Reino.



D. PEDRO IV ABDICA E DEIXA O TRONO A SUA FILHA D. MARIA

No dia 2 de maio de 1826, D. Pedro IV tomou a decisão de abdicar da Coroa portuguesa em favor da sua filha, D. Maria da Glória, que viria a ser D. Maria II de Portugal.

A decisão surgiu devido à situação difícil em que o monarca se encontrava. Sendo ao mesmo tempo Imperador do Brasil e Rei de Portugal, considerou que não poderia governar dois países com interesses distintos. Por isso, declarou abdicar “de livre vontade”, transferindo os seus direitos para a filha.

D. Maria da Glória, que no Brasil era Princesa do Grão-Pará, passou assim a ser a legítima herdeira da Coroa portuguesa. No entanto, a sua subida ao trono ficou dependente de duas condições, a aceitação da Carta Constitucional de 1826 e o seu casamento com o infante D. Miguel.

Enquanto estas condições não fossem cumpridas, a jovem rainha deveria permanecer no Brasil, não podendo ainda assumir plenamente o governo em Portugal.

Entretanto, no Reino, o poder ficou nas mãos da infanta D. Isabel Maria, nomeada Regente por D. João VI pouco antes da sua morte. Na qualidade de Princesa Regente, coube-lhe assegurar o governo e manter a estabilidade num momento de grande incerteza.



Princesa D. Maria da Glória

Este período ficou marcado por fortes divisões políticas. De um lado estavam os liberais, que defendiam a nova Carta Constitucional; do outro, os absolutistas, que apoiavam D. Miguel. A regência de D. Isabel Maria decorreu assim num clima difícil, procurando equilibrar interesses opostos.

A abdicação de D. Pedro IV não resolveu os problemas do Reino. Pelo contrário, abriu uma nova fase de tensão política, em que o futuro da monarquia e do regime ainda estava por decidir.

Aqui citamos o documento assinado por D. Pedro VI abdicando a favor da sua filha:

“Carta Regia de 2 de Maio de 1826, pela qual o Senhor D. Pedro VI abdicou, debaixo de certas condições, a Coroa Portuguesa a favor da Sua Filha Primogénita, a Senhora D. Maria II.

D. PEDRO por graça de Deos, Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar; em Africa Senhor de Guiné, da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Facio saber a todos os Meus subditos Portuguezes, que sendo incompativel com os interesses do Imperio do Brasil, e os do Reino de Portugal, que eu continue a ser Rei de Portugal, Algarves, e seus Domínios; e Querendo felicitar aos ditos Reinos, quanto em Mim couber: Hei por bem, de Meu motu proprio e livre vontade, abdicar; e ceder de todos os indisputaveis e inauferiveis Direitos, que Tenho á Côroa da Monarchia Portuguesa e á Soberania dos mesmos Reinos, na Pessoa da Minha sobre todas muito Amada, Presada e Querida Filha, a Princeza do Grão Pará D. Maria da Gloria, para que Ella, como Sua Rainha Reinante, os governe independentes d'este Imperio, e pela Constituição, que Eu Houve por bem Decretar, Dar, e Mandar jurar por Minha Carta de Lei de vinte e nove de Abril do corrente anno: e outrosin Sou Servido Declarar, que a dita Minha Filha, Rainha Reinante de Portugal, não sairá do Imperio do Brasil sem que me conste oficialmente que a Constituição foi jurada, conforme Eu Ordenei, e sem que os Esponsaes do Casamento, que Pretendo fazer-lhe com Meu muito Amado e Presado Irmão, o Infante D. Miguel, estejam feitos, e o Casamento concluido, e esta Minha Abdicação e Cessão não se verificará se faltar qualquer d'estas duas condições, Pelo que: Mando a todas as Auctoridades, a quem o conhecimento d'esta Minha Carta de Lei pertencer, a fação publicar, para que conste a todos os Meus subditos Portuguezes esta Minha deliberação. A Regencia d'estes Meus Reinos e Domínios o tenha assim entendido, e a faça imprimir; e publicar do modo mais authentico, para que se cumpra inteiramente o que n'ella se contém; e valerá como Carta passada pela Chancellaria, posto que por ella nao ha de passar, sem embargo da Ordenação em contrario, que sómente para este effeito Hei por bem derogar, ficando aliás em seu vigor, não obstante a falta de referenda e mais formalidades de estilo, que igualmente Sou Servido dispensar.

Dada no Palacio no Rio de Janeiro, aos dous dias do mez de Maio, do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte seis.”

El Rei com Guard

A NÃO PERDER NESTA EDIÇÃO DO MERCADO OITOCENTISTA

MUITA MÚSICA GAITEIROS DO NORDESTE GAITEIROS DUMTRAGO GRANUS BARBELA

5, 6 e 7 de junho
Pelas ruas do Mercado



TEATRO DE MARIONETAS NAPOLEÃO

Este espetáculo é uma incursão ao tempo do séc. XIX.

Por: Cabeças no Ar e Pés na Terra

Mais informações no programa do Mercado.

Sábado 6 de junho às 16h00

Domingo 7 de junho às 16h30

Jardim do Palácio do Morgado



CONTOS E FÁBULAS

Com hora marcada, na Rua dos Bombeiros Voluntários (como quem vai da rua da República para o Largo do Terreiro), são contadas, de forma singela, histórias de tempos idos. Estas são histórias mal contadas, contos e fábulas, tirados do fundo do baú da nossa tradição. Histórias da história da gente pouco importante.

P'lo Teatro Assombrado

6 e 7 de junho

Mais informações no Programa do Mercado.



VISITA GUIADA A ARRUDA OITOCENTISTA

Nos dias 6 e 7 de junho, descubra a Arruda dos Vinhos do século XIX num percurso entre o Chafariz de 1789, o Palácio e Capela do Morgado, edificados no século XVIII, e a Igreja de Nossa Senhora da Salvação, marcos centrais da vida da antiga vila. Nesta visita será transportado para a vila de Arruda dos Vinhos oitocentista, onde os belíssimos pormenores arquitetónicos e os acervos azulejares, de pintura e escultura cativaram quem por cá passou.

Esta é uma visita guiada que evoca o quotidiano, a fé e os hábitos de outros tempos.

Embarque nesta viagem no tempo e percorra a vila oitocentista.

A visita tem a duração de cerca 2 horas e inicia-se no Chafariz. É necessária marcação previa até dia 4 de junho no Serviço Educativo e Cultural. Contactos - 263 977 035 servicoeducativo@em-arruda.pt

Sábado, 6 de junho às 16h30

Domingo, 7 de junho às 16h00

Ponto de Encontro: Junto ao Chafariz



BAILE DE BOAS-VINDAS AOS FORASTEIROS

Vamos dançar, pular e divertimo-nos com as modas da época com o Rancho Folclórico Podas e Vindimas de Arruda dos Vinhos.

Sexta-feira, 5 de junho às 22h30

No largo do Chafariz

Mais informações no programa do Mercado.



OPÚSCULO DE ALMEIDA GARRETT SOBRE O DEVER ELEITORAL (1826)

Foi recentemente publicado, em Lisboa, um opúsculo político da autoria de Almeida Garrett, intitulado *Carta de Guia para Eleitores*, destinado a orientar os cidadãos no exercício do voto no novo quadro constitucional.

O autor procura definir os critérios de escolha dos deputados, defendendo que devem ser homens de honra, instrução e independência, capazes de garantir o bom funcionamento do sistema parlamentar. Sustenta ainda que a qualidade da representação depende diretamente da qualidade dos eleitores, resumindo essa ideia na fórmula: *“Haja bons eleitores, que eu res- pondo pelos Deputados”*.

No texto, Garrett valoriza o espírito público, o amor à liberdade dentro da lei, rejeitando perfis considerados instáveis, oportunistas ou extremados. Prefere a eleição de magistrados e negociantes de reputação conhecida, em detrimento de figuras sem crédito político ou social.

A obra assume-se, assim, como um guia de educação cívica no contexto do libera- lismo português, sublinhando a importância da opinião pública e da integridade moral na vida política.

CULTURA E CIÊNCIA

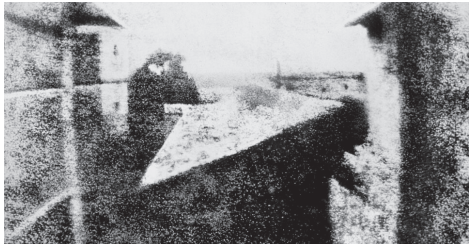
EXTRAORDINÁRIA INVENÇÃO! A IMAGEM QUE SE FIXA POR SI

Chegam-nos notícias de França que têm causado não pequeno espanto entre os curiosos das artes e das ciências. Um certo Joseph Nicéphore Niépce, homem dedicado a experiências mecânicas e químicas, terá conseguido alcançar o que até há pouco se julgava impossível, fixar, de forma dura- doura, a imagem de um objeto sem recurso ao desenho da mão humana.

Diz-se que, servindo-se de uma caixa escura, à semelhança das já conhecidas câmaras utilizadas pelos pintores, e de uma superfície preparada com substâncias pró- prias, conseguiu fazer com que a luz imprimis- se, por si só, a figura de uma cena real. A experiência, realizada após longas horas de exposição, terá produzido uma imagem ainda ténue, mas reconhecível, sendo já con- siderada por alguns como um feito notável.

Não é nova a ideia de projetar imagens por meio da chamada câmara escura, cujo princípio remonta aos estudos de Leonardo da Vinci. Contudo, o que agora se anuncia vai mais além. Não se trata apenas de ver a imagem, mas de a conservar, como se a própria luz deixasse memória do que tocou.

Corre também a notícia de que outro francês, Louis Jacques Daguerre, está ocupado com experiências semelhantes, estando à procura de aperfeiçoar o método e torná-lo mais seguro e duradouro.



Mas quem é Joseph Nicéphore Niépce?

Niépce nasceu em Chalon-sur-Saône, em França, no ano de 1765. Na sua mocidade, seguiu carreira militar ao serviço de Napoleão Bonaparte, mas cedo abandonou as armas por motivo de saúde. Recolheu- -se às propriedades de família, onde passou a dedicar-se com afinco a estudos e expe- riências de natureza científica. Espírito curioso e perseverante, aplicou-se a diversos engenhos, desde máquinas hidráulicas até tentativas de motores movidos a combustão.

No entanto, foi no domínio da luz que o seu nome começou a ganhar maior relevância.

Por ora, resta-nos acompanhar com atenção estes progressos, que bem podem anunciar uma nova era nas artes e nas ciências.



AS LETRAS EM TEMPO DE REVOLUÇÃO. A LITERATURA PORTUGUESA NO PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XIX

No tempo presente, em que o Reino se vê atravessado por inquietações políticas e profundas transformações, também as letras portuguesas refletem esse espírito de mudança. O primeiro quartel do século XIX surge como um período de transição, onde o antigo gosto clássico começa a ceder lugar a novas formas de pensar, sentir e escrever.

Durante as primeiras décadas do século, a tradição literária ainda se encontra forte- mente marcada pelo neoclassicismo, herdeiro dos ideais iluministas do século anterior. Cul- tiva-se a ordem, o equilíbrio e a imitação dos modelos clássicos, visíveis sobretudo na poesia e no teatro. Autores como Bocage,

embora já pertencentes à viragem do século, continuam a influenciar o gosto literário, com uma obra onde convivem o rigor formal e uma expressão mais pessoal e emotiva.

No teatro, persistem formas herdadas do passado, como os autos e as comédias de ins- piração moral e social, muitas vezes repre- sentadas em espaços populares e ligadas ao quotidiano das gentes. No entanto, o panorama teatral atravessa dificuldades, refletindo a instabilidade do país, agravada pelas invasões francesas e pela deslocação da corte para o Brasil.

É precisamente este contexto histórico que marca decisivamente a produção lite- rária. As Invasões Francesas, a perma- nência da corte no Brasil e, mais tarde, a Revolução Liberal de 1820, introduzem novas ideias e abalam as estruturas tradi- cionais. A literatura começa, assim, a abrir- -se a um espírito mais crítico e interventivo.



Retrato de Almeida Garrett, da autoria de Pedro Augusto Guglielmi (1844)

É neste ambiente que surgem figuras decisivas para a renovação das letras por- tuguesas, como Almeida Garrett. Embora a sua obra mais marcante se desenvolva nas décadas seguintes, já neste período se faz notar a sua intervenção intelectual e política. Garrett defende uma literatura nacional, inspirada na história, nas tra- dições e no povo português, antecipando o movimento romântico.

Entre as suas primeiras obras, destacam-se textos de intervenção cívica, como o opúsculo sobre o dever eleitoral, que revela a preocu- pação em formar um novo cidadão, consciente e participativo no regime liberal. Mais tarde, viria a renovar profundamente o teatro por- tuglês com obras como Frei Luís de Sousa, já plenamente inseridas no romantismo.

Assim, a literatura deste primeiro quartel não deve ser vista apenas pelas obras acabadas que produziu, mas sobretudo como um tempo de preparação e mudança. Entre o peso da tra- dição clássica e o impulso das ideias liberais, as letras portuguesas começam a refletir um

país em transformação. Num Reino dividido entre absolutistas e liberais, entre o passado e o futuro, também a escrita se torna campo de disputa e renovação. E, tal como nas ruas do nosso Mercado, onde se cruzam vozes e vivências, também nas páginas dos livros se começa a ouvir um novo tempo.

RAÍZES E MEMÓRIAS DE ARRUDA DOS VINHOS

Neste espaço damos a conhecer Arruda dos Vinhos como terra saloia, através das suas gentes, da sua ruralidade e do seu modo de vida ligado à terra. Falamos de como se vestem os saloios, do que comem e dos hábitos que marcam o quotidiano rural, onde o pão assume um lugar central.

Abordamos também a história da vila através dos seus símbolos e da paisagem. O sino antigo dos Paços do Concelho revela o brasão de Arruda, e os moinhos recordam o ciclo do cereal, do grão ao pão, essencial à vida das populações.



UM SINO, UM BRASÃO E A MEMÓRIA DE ARRUDA

Em Arruda dos Vinhos há histórias que não desapareceram, apenas ficaram à espera de serem redescobertas. Uma delas está, durante séculos, bem visível no alto da torre dos Paços do Concelho, gravada num sino fundido em 1561, mas quase esquecida.

Muito antes disso, já a vila era descrita com admiração. Rodrigo Mendes da Silva, na sua obra *Poblacion General de España* (1645), não menciona as armas de Arruda, mas deixa um retrato vivo da terra:

“Cinco leguas de Lisboa [...] está la villa de Arruda, con gran cosecha de pan, vino, azeite, caças y frutas [...]”.

Mais do que palavras, é o testemunho de uma terra fértil, marcada pelo trabalho e pela abundância, onde a vinha e a agri- cultura sempre tiveram papel central.

Mas Arruda não era apenas terra de cultivo. A mesma fonte recorda que foi *“poblada [...] de los Cavalleros Ingleses”* que vieram ajudar D. Afonso Henriques, e que em 1184 sofreu ataque violento, tendo

sido tomada “con grande estrago”. Desde cedo, portanto, a vila conheceu tanto o labor da terra como a dureza da guerra.



Com uma história assim, seria natural que tivesse também um símbolo próprio. E teve. Mas, durante muito tempo, julgou-se que esse brasão se tinha perdido. No século XIX, chegaram mesmo a circular armas atribuídas à vila com a cruz de São Thiago e uma coroa de barão. Hoje sabe-se que tal representação estava errada, a cruz simples era símbolo exclusivo da Ordem e não podia servir como brasão municipal.

A verdade permaneceu silenciosa, mas nunca desapareceu. Estava no sino da torre. Foi aí que, já no século XX, se encontrou o elemento decisivo, um castelo, o escudo das quinas e três videiras, tudo gravado em relevo. Um detalhe discreto, mas suficiente para esclarecer séculos de dúvida.

A própria Câmara Municipal, em 1927, reconhecia essa ausência de certeza e procurava resposta, afirmando não existir “qualquer estandarte antigo ou documentação [...] que abone a autenticidade do brasão” então divulgado. E acrescentava um dado essencial:

“Ex istir um sino [...] vendo-se n’ella [...] o emblema [...] formado por um castello com o escudo das quinas e trez videiras”.

Foi esse vestígio que permitiu recuperar as verdadeiras armas da vila.

O brasão hoje reconhecido é simples e claro, uma torre vermelha sobre fundo de prata, ladeada por três videiras, com o escudete das quinas sobre a porta. Nada ali é por acaso. O vermelho lembra as lutas e defesas do passado, a prata simboliza riqueza e vitória, e as videiras representam a terra que sustenta a vila desde sempre.



LADISLAU BATALHA, UM HOMEM DO MUNDO QUE TERMINOU EM ARRUDA

Ladislau Batalha nasceu em Lisboa, em 1856, mas o seu percurso esteve longe de ser comum. Foi professor liceal, jornalista e dirigente socialista, mas, antes de tudo isso,

foi um verdadeiro viajante. Durante mais de uma década percorreu o mundo em condições muitas vezes precárias, trabalhando como marinheiro, gravador de vidro, funcionário consular ou até taxidermista, passando pelos Estados Unidos, Japão, China, Ceilão e África.

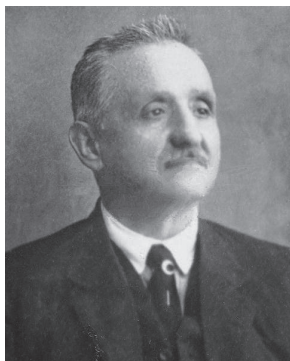
Estas experiências deram-lhe um conhecimento raro para a época. Sem formação académica formal, tornou-se professor do ensino secundário, dominando várias línguas e dedicando-se a estudos linguísticos e etnográficos. Ao mesmo tempo, afirmou-se como um homem de ideias. Era militante do Partido Socialista, participou ativamente na vida política, escreveu livros, proferiu conferências e chegou a ser deputado em 1919.

A sua obra é vasta e diversa. Escreveu romances, peças de teatro, estudos sobre África e livros de viagens, entre os quais se destaca *O Japão por Dentro*, onde analisa a sociedade japonesa da era Meiji e reflete sobre o progresso e a modernização. Colaborou em jornais portugueses e estrangeiros e conviveu com figuras importantes da cultura do seu tempo, como Teófilo Braga ou Gomes Leal, a quem chegou a acolher nos últimos anos de vida.

Mas é em Arruda dos Vinhos que a sua história encontra um desfecho particular. Foi aqui que passou os seus últimos anos e onde viria a falecer, em 1939.

Em 1919, acolheu em sua casa (onde acabou por morrer, em 1921) o poeta Gomes Leal, quando este vagabundeava pelas ruas e jardins de Lisboa.

Ladislau Batalha foi figura singular, quase esquecida, mas que ajuda a enriquecer a história do concelho de Arruda dos Vinhos.



Ladislau Batalha



ARRUDA DOS VINHOS, TERRA SALOIA

COMO SE VESTEM OS SALOIOS?

Nestas paragens, onde o labor do campo rege o quotidiano, o vestuário obedece à necessidade:

A NÃO PERDER NESTA EDIÇÃO DO MERCADO OITOCENTISTA

A ENCHARCADA ARRUDENSE

O REMÉDIO PARA TODOS OS MALES

Dizem os antigos que as gentes de Arruda dos Vinhos são de tempera firme, feitas de trabalho, resistência e hospitalidade, moldadas entre vinhas, colinas e tempos nem sempre fáceis. Terra de dias duros e também de renascimentos, conheceu fomes, tormentas e provações várias, mas nunca perdeu a sua alma.

E, como resposta a todas as agruras, das pequenas às maiores, nasceu um segredo bem guardado da tradição local: a Encharcada Arrudense.

Há quem diga, sem hesitação, que este doce é mais do que iguaria, é bálsamo, é conforto, é quase remédio universal. Cura o cansaço, abrande a tristeza, adoça a memória e reconcilia o espírito com o mundo. Em certas rodas mais ousadas, chega mesmo a afirmar-se que, se fosse lei antiga, deveria ser prescrita para todos os males conhecidos.

Assim, no sábado, dia 6 de junho, pelas 22h00, no Largo do Chafariz, abrir-se-á mais uma ocasião de celebração e partilha, onde a Encharcada será servida a todos quantos tragam consigo a tradicional caneca do Mercado Oitocentista, disponível nos espaços da Câmara Municipal e nas tabernas do mercado.

E porque todo o remédio digno merece celebração à altura, a noite será acompanhada por um espetáculo musical que promete animar o coração dos presentes e prolongar o encanto da ocasião.

Venha, prove, partilhe e deixe-se levar.

Sábado, 6 de junho às 22h00

No Largo do Chafariz

P'los Cabeças no Ar e Pés na Terra

Mais informações no Programa do Mercado.



OS BANDOLEIROS

Mesmo com o fim da Guerra Civil, o Reino continua um espaço de conflitos diversos: os que integravam os batalhões de voluntários realistas (corpos paramilitares ao serviço de D. Miguel) tiveram de regressar a suas casas. Alguns perderam-se no regresso da vida, chefiando e integrando quadrilhas que seguiam o fantasma do poder perdido. Do outro lado - os leais a D. Pedro - muitos optaram pelo mesmo caminho, com o pretexto de serem o garante da ordem e das instituições liberais contra os que não aceitavam a nova realidade política. Havia os que eram somente bandoleiros, salteadores sobrevivendo à custa do suor dos que trabalhavam de sol a sol, pois eram estes últimos a presa mais fácil. Existiam ainda os que, fora da lei ou à custa da própria lei, se afirmavam vingadores, justiceiros e libertadores. No caso particular do Oeste Português e da região saloia, não se conhecem relatos de figuras tão relevantes como Zé do Telhado ou Remexido, muito provavelmente devido à proximidade da capital e da presença regular de contingentes régios.

5, 6 e 7 de junho, durante o horário do

Mercado

eles vão andar pelas ruas, mas têm acampamento montado no largo da (antiga) Casa da Câmara.

Representado por SAGA STÓRICA
Mais informações no Programa do Mercado.



TEATRO DE MARIONETAS O GIGANTE

Este espetáculo é uma incursão às lendas da nossa terra.

Sábado, 6 de junho às 18h00

Domingo, 7 de junho às 18h00

Jardim do Palácio do Morgado

P'los Cabeças no Ar e Pés na Terra

Mais informações no Programa do Mercado.



TransPeriquito
Transportes de Carga



resistir ao uso constante, proteger das intempéries e acompanhar as exigências da lavoura. Os homens trajam com simplicidade e solidez, envergando camisa clara, geralmente de linho, colete escuro e calças de pano grosso. O barrete é peça constante e distintiva, quase inseparável do saloio. A este conjunto juntam-se, frequentemente, o lenço ao pescoço e o calçado resistente, adequado aos caminhos irregulares e ao trabalho agrícola.

As mulheres, por sua vez, apresentam maior variedade no traje, sem perder o seu carácter prático. Usam saias rodadas, em tecidos escuros ou estampados, protegidas por aventais que servem simultaneamente de resguardo e adorno. A blusa simples é complementada pelo lenço na cabeça, elemento indispensável, e, nos dias frios ou em ocasiões mais formais, pelo xaile, que acrescenta abrigo e compostura.

Há, contudo, distinção entre o vestuário do trabalho e o das ocasiões festivas. Em dias de feira ou de romaria, o cuidado no trajar torna-se mais evidente. As roupas são de melhor qualidade, mais bem conservadas e, por vezes, adornadas com pequenos detalhes.

Assim, o traje saloio não é apenas vestuário; é expressão visível de uma identidade. Marca a pertença a um território e a uma forma de vida ligada à terra e ao abastecimento da cidade. Em pleno século XIX, quando Lisboa cresce e se transforma, são estas gentes e estas terras que continuam a sustentá-la, permanecendo o seu traje como sinal dessa ligação profunda entre o campo e a cidade.



O RANCHO FOLCLÓRICO “PODAS E VINDIMAS” E A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE RURAL DE ARRUDA DOS VINHOS

Fundado a 29 de junho de 1980, o Rancho Folclórico Podas e Vindimas de Arruda dos Vinhos afirma-se como uma das mais antigas coletividades do concelho, assumindo desde a sua origem a missão de preservar e divulgar os usos, costumes e tradições da cultura local.

Embora o seu repertório etnográfico represente sobretudo o quotidiano do início do século XX, entre 1900 e 1930, o seu trabalho reveste-se de particular importância para a compreensão da continuidade histórica da vida agrícola arrudense. Através da recriação de

trajes de trabalho e domingueiros, como a mondadeira, o podador, a ceifeira ou o cavador, o grupo transporta para o presente a memória de um modo de vida profundamente ligado à terra, à vinha e às práticas sazonais da agricultura.

O próprio nome do rancho, “Podas e Vindimas”, remete diretamente para o ciclo vitivinícola, elemento estruturante da economia e da identidade do concelho de Arruda e da região saloia, onde a vinha e o trabalho do campo marcaram durante gerações o ritmo da vida comunitária.

Desde a primeira edição do Mercado Oitocentista, o Rancho Folclórico Podas e Vindimas tem participado ativamente com a realização do tradicional Baile de Boas-Vindas aos forasteiros, gesto que simboliza a hospitalidade dos arrudenses. Apesar de não representar diretamente o século XIX, o trabalho do Rancho Folclórico Podas e Vindimas reflete, de forma fiel, o prolongamento de práticas, gestos e saberes que têm raízes mais antigas e que atravessaram gerações, constituindo ainda hoje parte essencial da identidade cultural de Arruda dos Vinhos.

Assim, o grupo não se limita à representação etnográfica, assume-se como guardião de uma memória viva do trabalho agrícola e da vida comunitária, contribuindo para que a herança rural da região continue presente na vida cultural contemporânea.



O QUE COMEM OS SALOIOS?

Os saloios são, antes de mais, homens e mulheres do campo. A sua alimentação reflete essa ligação direta à produção agrícola. É uma alimentação simples, mas robusta, adequada ao esforço físico que o trabalho exige.

O pão assume um lugar central. Feito de trigo ou, muitas vezes, de mistura com outros cereais, acompanha praticamente todas as refeições. A ele juntam-se as sopas, alimento frequente e substancial, onde entram produtos da horta, como as couves, feijão, cebola e, quando possível, algum pedaço de toucinho ou chouriço, que lhes dá sustento e sabor.

A carne não é de consumo diário. Surge sobretudo em dias festivos ou ocasiões especiais. No quotidiano, são mais comuns o coelho, as aves de capoeira e, em menor escala, a caça, quando disponível. Os ovos e o leite também têm um papel importante, sendo consumidos diretamente ou transformados em queijo fresco. O vinho, esse, nunca falta. Produzido localmente, acompanha as refeições e integra-se naturalmente na dieta, sendo visto tanto como alimento como parte da vida social. Em Arruda dos Vinhos, onde a vitivinicultura tem longa tradição, o vinho é presença constante à mesa.

A alimentação saloia é, no essencial, uma cozinha de aproveitamento, onde pouco se desperdiça. Em dias de festa, porém, a mesa ganha outra expressão. Surgem mais pratos de carne e, não raras vezes, o bacalhau.

Assim se define, em linhas gerais, a alimentação dos saloios no século XIX. É simples, ligada à terra, moldada pelo trabalho e pela necessidade.



RECEITAS SALOIAS

Nesta edição trazemos, mais uma vez, aos nossos estimados leitores, um prato de sustento e tradição. As Favas com Entrecosto e Chouriço, preparado segundo costumes antigos, onde o sabor e a partilha se cruzam à mesa. Para sobremesa deixamos uma receita que atravessa gerações e marca presença nas mesas saloias: As Broas Saloias.

FAVAS COM ENTREPOSTO E CHOURIÇO

INGREDIENTES:

- 1 colher de sopa de banha de porco
- Azeite q.b. (fio generoso)
- 1/2 chouriço cortado às rodela
- 750 g de entrecosto de porco cortado às tiras
- 1 cebola grande picada
- 3 dentes de alho esmagados
- 500 g de favas sem o olho
- 2 mãos cheias de coentros picados (divididas)
- 1 colher de sopa de açúcar
- 2 colheres de chá de sal
- 1 piripiri
- 3 chávenas de chá de água

PREPARAÇÃO:

Num tacho largo e alto, aqueça uma colher de sopa de banha de porco e um fio generoso de azeite. Frite meio chouriço cortado às rodela e 750 g de entrecosto de porco cortado às tiras, apenas até libertarem os sucos. Retire a carne e reserve.

No mesmo tacho, junte uma cebola grande picada e três dentes de alho esmagados, deixando refogar ligeiramente.

Adicione 500 g de favas sem o olho, uma mão cheia de coentros picados, uma colher de sopa de açúcar, duas colheres de chá de sal e um piripiri. Envolve bem todos os ingredientes.



Pizza Pasta Saladas

Rua Candido dos Reis, 91
Arruda dos Vinhos

Tel. 938 480 930

Estamos abertos
durante a feira, Aparece!

Devolva a carne ao tacho e junte três chávenas de chá de água. Misture, deixe levantar fervura, tape e cozinhe em lume brando durante, pelo menos, uma hora. No final, retifique os temperos se necessário, salpique com mais uma mão cheia de coentros picados e sirva.

BROAS (SALOIAS)

- INGREDIENTES:
- 200 g de farinha de trigo
 - 100 g de farinha de milho
 - 100 g de margarina
 - 150 g de açúcar
 - 3 colheres (sopa) de mel
 - 1 colher (chá) de canela
 - 1 colher de (chá) de erva doce
 - 1 colher (chá) de fermento em pó
 - 2 ovos
 - 1c (sopa) de azeite
- PREPARAÇÃO:



Peneire a farinha de trigo juntamente com a farinha de milho para uma tigela. De seguida, junte a margarina, o açúcar, o mel, a canela, a erva-doce, o fermento, os ovos inteiros e o azeite, misturando tudo até obter uma massa homogénea. Modele pequenas porções do tamanho de nozes, dando-lhes a forma de broinhas, e disponha-as num tabuleiro. Leve a cozer em forno moderado durante cerca de 10 minutos.



DO GRÃO AO PÃO. OS MOINHOS E A PAISAGEM DE ARRUDA DOS VINHOS

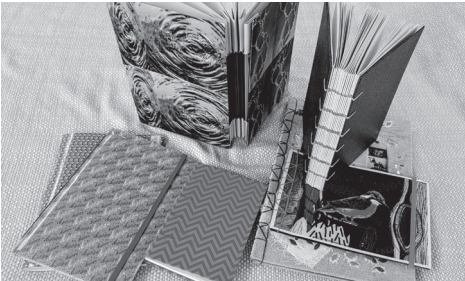
POR JORGE E. LOPES

No território de Arruda dos Vinhos, os moinhos fazem parte da paisagem e ajudam a compreenderê-la. Encontram-se nos pontos mais altos, onde o vento sopra com mais constância, ou junto às linhas de água, onde a força hidráulica pode ser aproveitada. Nada ali está ao acaso, a sua localização resulta de uma adaptação direta às características naturais do território. Mas esta relação entre o homem, a terra e os recursos disponíveis é bem mais antiga. Os vestígios arqueológicos identificados nas imediações do Moinho do Custódio, em Arranhó, mostram que estas encostas já são ocupadas há cerca de cinco mil anos por comunidades agro-pastoris. Gentes que cultivam cereais e transformam os alimentos, lançando as bases de um ciclo que perdura até hoje. O ciclo do cereal, da produção ao consumo, tem aqui raízes profundas. Os moinhos de vento surgem em Portugal na Idade Média, difundindo-se sobretudo a partir dos séculos XIII e XIV. A sua introdução responde a uma necessidade concreta, ou seja, aumentar a capacidade de moagem de cereais num contexto de crescimento populacional e de expansão agrícola.

Já os moinhos de água, mais antigos, dependem de cursos de água regulares, o que nem sempre acontece. Em muitas zonas da Estremadura portuguesa, onde a água escasseia ou é irregular, o vento oferece uma alternativa eficaz. E assim se multiplicam os moinhos de vento. Na Estremadura, onde se localiza Arruda dos Vinhos, estes engenhos assumem particular importância. Implantados ao longo das cumeadas, passam a marcar a paisagem e a desempenhar um papel essencial na economia local. No concelho de Arruda dos Vinhos, embora existam moinhos nas quatro freguesias, é em Arranhó e em S. Tiago dos Velhos que se concentra o maior número. Uma distribuição que acompanha o relevo e a exposição ao vento. Os moinhos de vento, como o de A do Mourão, dominam as alturas e impõem-se na paisagem. Já as azenhas ocupam os vales, ligadas a sistemas de levadas e agudes. Em conjunto, mostram diferentes formas de aproveitar os recursos naturais. Durante séculos, a sua função é clara, servir a produção cerealífera, base da alimentação das populações. O trigo e outros cereais, cultivados nos campos, são aqui transformados em farinha e é dessa farinha que nasce o pão.

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO PORTUGUESA

Os participantes terão a oportunidade de aprender técnicas tradicionais para a criação de um caderno artesanal, à semelhança dos produzidos outrora, recorrendo, contudo, a materiais contemporâneos. Mais do que a simples transmissão de conhecimentos técnicos, esta atividade procura valorizar o património artesanal, estimular a criatividade, desenvolver a motricidade fina e fomentar o gosto pelos processos manuais, num ambiente de partilha e experimentação. Não carece de inscrição | Máximo de 15 participantes | Público alvo: maiores de 12 anos **Domingo. 7 de junho, das 15h00 às 18h00** **Capela do Palácio do Morgado** Oficina desenvolvida por Dina Pereira



O pão, aliás, acompanha a história da humanidade desde tempos muito antigos. A sua origem remonta à Pré-História, quando as primeiras comunidades agrícolas começam a moer cereais e a misturar a farinha com água, criando formas simples de alimento. Com o tempo, o processo evolui. A fermentação, os fornos e as técnicas de moagem são aperfeiçoados, dando origem a pães mais leves e variados. Em Portugal, o pão torna-se um elemento central da alimentação quotidiana. Na região saloia, que durante séculos abastece Lisboa, essa importância é ainda mais evidente. O pão, feito com trigo local, moído nos moinhos e cozido em fornos domésticos ou comunitários, faz parte do dia a dia.No século XIX, é o principal alimento. Presente em todas as refeições, muitas vezes, sobretudo na primeira metade do século, basta por si só para sustentar uma família. A sua produção envolve um conjunto de saberes transmitidos oralmente (da sementeira à colheita, da moagem à massa, do forno ao pão). Em Arruda dos Vinhos, dentro deste mundo saloio, o pão significa mais do que alimento. Representa estabilidade, segurança, sobrevivência. A sua abundância ou escassez diz muito sobre as condições de vida. Em anos difíceis, a falta de cereal faz-se sentir de imediato. Mas o pão não é apenas sustento. É também respeito, crença, tradição. A sua feitura está envolta em gestos e palavras, ditos e pequenas rezas. Benze-se a massa. Faz-se o sinal da cruz antes de a levedar. Evitam-se palavras de mau agouro. Acredita-se que o pão sente quem o faz. Em muitas famílias, estas práticas passam de geração em geração. Dizem-se rezas em voz baixa, enquanto se amassa, ou antes de entrar no forno, pedindo que o pão cresça e não falte. Duas dessas rezas, simples e muito comuns, dizem-se assim: “São Vicente te acrescente, São Mamede te levede, São João te faça pão. Deus te faça crescer, para a nossa casa sustento ter.” “Deus te acrescente, para mim e para a minha gente.” Neste caso, repetem-se três vezes. E, antes disso, faz-se uma cruz na massa e na boca do forno, dizendo: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Falar dos moinhos é, por isso, falar de um percurso contínuo, do grão ao pão. Os moinhos desempenham, assim, um papel essencial neste ciclo. Sem farinha, não há pão. E sem pão, falta o essencial.

JEL



À DESCOBERTA DO MOINHO DE A DO MOURÃO

Em Arruda dos Vinhos, os forasteiros podem conhecer estes moinhos percorrendo o concelho a pé, pelos caminhos e cumeadas que ainda hoje guardam a memória do trabalho antigo. Entre estes testemunhos, destaca-se o Moinho de A do Mourão, em S. Tiago dos Velhos, um exemplar de moinho de vento tradicional que se impõe na paisagem. Implantado em zona elevada, e neste caso com vista para o Tejo, como é próprio deste tipo de engenho, o moinho tira partido da força do vento para a moagem. Quem o queira visitar poderá fazê-lo mediante contacto prévio, solicitando informações à Junta de Freguesia de S. Tiago dos Velhos. Mas também o convidamos a visitar o exterior, e para isso poderá ir sozinho ou em boa companhia até à A do Mourão. Venha visitar Arruda dos Vinhos!



FONTES:

1. FALECEU SUA MAJESTADE EL-REI D. JOÃO VI
 - AMARAL, Manuel (2000-2010) - *João VI. In: Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, Volume III, 2000-2010, pp. 1051-1055.
2. D. PEDRO IV PROMULGA A CARTA CONSTITUCIONAL DE 1826
 - Carta Constitucional - <https://www.parlamento.pt/parlamento/documents/cartaconstitucional.pdf>. Assembleia da República. Consultado a 9 de abril de 2026.
3. D. PEDRO IV ABDICA E DEIXA O TRONO A SUA FILHA D. MARIA
 - <https://www.parlamento.pt/VisitaParlamento/Paginas/BiogDPedroIV.aspx>;
 - <https://historiadeportugalparatodos.blogspot.com/2016/12/capitulo-xxx1-29-rei-portugues-d-pedro.html>. Consultado a 9 de abril de 2026.
4. OPÚSCULO DE ALMEIDA GARRETT SOBRE O DEVER ELEITORAL (1826)
 - <https://purl.pt/96/1/bio/bibliografia01.html>;
 - AMORIM, Francisco Gomes de. Garrett, memorias biographicas. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. (digitalizado em www.archive.org). Consultado a 10 de abril de 2026.
5. EXTRAORDINÁRIA INVENÇÃO! A IMAGEM QUE SE FIXA POR SI
 - https://web.archive.org/web/20061008183818/http://www.nlew.co.uk/index.php?option=com_content&task=view&id=74&Itemid=27. Consultado a 15 de abril de 2026.
6. UM SINO, UM BRASÃO E A MEMÓRIA DE ARRUDA
 - DORNELLAS, *Afonso de — Elucidário Nobiliárquico: revista de história e de arte*. Vol. I, n.º XI. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, novembro de 1928.
7. COMO SE VESTEM OS SALOIOS?
 - <https://cintraseupovo.blogspot.com/2015/10/o-trajo-saloio-ou-o-trajar-de-um-povoas.html>;
 - Imagem: <https://cintraseupovo.blogspot.com/2015/10/o-trajo-saloio-ou-o-trajar-de-um-povoas.html>. Consultado a 16 de abril de 2026.
8. O QUE COMEM OS SALOIOS?
 - <https://eliovatel.blogspot.com/2011/12/comida-saloia.html>;
 - https://www.ulisboa.pt/sites/ulisboa.pt/files/public/alimentacao_na_cidade_111.pdf;
 - <https://www.a2s.pt/wp-content/uploads/2018/12/Ana-Paula-Assun%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Consultado a 16 de abril de 2026.



5 de junho – 19h00 às 01h00
6 de junho – 15h00 às 01h00
7 de junho – 15h00 às 22h00

5 DE JUNHO
(sexta-feira)

19H00 - ABERTURA DO RECINTO

20H00 – INAUGURAÇÃO MERCADO
pelo Presidente da Câmara Municipal de
Arruda dos Vinhos, seguindo-se visita/
desfile pelo mercado.
Largo do Chafariz, ao som dos Gaiteiros

20H00 » 01H00 - ANIMAÇÃO MUSICAL
Recinto do Mercado
Gaiteiros Dum Trago, Granus Barbela e Gaiteiros
do Nordeste

22H00 - AUTO DA BARCA DO
INFERNO
Jardim do Palácio do Morgado
Cabeças no Ar e Pés na Terra

22H30 - BAILE DE BOAS-VINDAS AOS
FORASTEIROS
Largo do Chafariz
Rancho Folclórico Podas e Vindimas

01H00 - ENCERRAMENTO

6 DE JUNHO
(sábado)

15H00 - ABERTURA DO MERCADO

15H00 » 20H00 - OLHÓS ROBERTOS
Adro da Igreja de N.ª Sr.ª da Salvação
Terra Velhinha

15H00 » 01H00 - ANIMAÇÃO MUSICAL
Recinto do Mercado
Gaiteiros Dum Trago, Granus Barbela e Gaiteiros
do Nordeste

16H00 - TEATRO DE MARIONETAS
NAPOLEÃO
Jardim do Morgado (Palco 1)
Cabeças no Ar e Pés na Terra

16H00 - CONTOS E FÁBULAS
Rua dos Bombeiros Voluntários
Teatro Assombrado

16H30 - VISITA GUIADA A ARRUDA
OITOCENTISTA
*Pelas ruas da vila, ponto de encontro no
Chafariz (necessária marcação prévia
até dia 4 de junho)*
Setor Turismo CMAV

16H30 » 19H30 - TOCAR COMO
DANTES
Adro da Igreja de N.ª Sr.ª da Salvação
Terra Velhinha

PROGRAMA

17H00 - TEATRO DE MARIONETAS
ANA LOIRA
Jardim do Morgado (Palco 2)
Cabeças no Ar e Pés na Terra

17H30 - CONTOS E FÁBULAS
Rua dos Bombeiros Voluntários
Teatro Assombrado

18H00 - TEATRO DE MARIONETAS
O GIGANTE
Pátio do Morgado (Palco 3)
Cabeças no Ar e Pés na Terra

18H30 - CONTOS E FÁBULAS
Rua dos Bombeiros Voluntários
Teatro Assombrado

19H00 - TEATRO DE MARIONETAS
D. MANUEL I
Jardim do Morgado (Palco 4)
Cabeças no Ar e Pés na Terra

22H00 - ENCHARCADA ARRUDENSE
Chafariz de Arruda dos Vinhos
Cabeças no Ar e Pés na Terra

22H30 - ESPETÁCULO MUSICAL COM
GRANUS BARBELA E GAITEIROS DO
NORDESTE
Largo do Chafariz

01H00 - ENCERRAMENTO DO
MERCADO

7 DE JUNHO
(domingo)

15H00 - ABERTURA DO MERCADO

15H00 » 18H00 - OFICINA DE
ENCADERNAÇÃO PORTUGUESA
Capela do Palácio do Morgado
Dina Pereira

15H00 » 22H00 - ANIMAÇÃO MUSICAL
Recinto do Mercado
Gaiteiros Dum Trago, Granus Barbela e Gaiteiros
do Nordeste

15H30 » 20H00 - OLHÓS ROBERTOS
Adro da Igreja de N.ª Sr.ª da Salvação
Terra Velhinha

16H00 - VISITA GUIADA A ARRUDA
OITOCENTISTA
*Pelas ruas da vila, ponto de encontro no
Chafariz (necessária marcação prévia
até dia 4 de junho)*
Setor Turismo CMAV

16H00 - CONTOS E FÁBULAS
Rua dos Bombeiros Voluntários
Teatro Assombrado

16H30 - TEATRO DE MARIONETAS
NAPOLEÃO
Jardim do Morgado (Palco 1)
Cabeças no Ar e Pés na Terra

17H00 » 20H00 - DANÇAR COMO
DANTES
Adro da Igreja de N.ª Sr.ª da Salvação
Terra Velhinha

17H30 - TEATRO DE MARIONETAS
ANA LOIRA
Jardim do Morgado (Palco 2)
Cabeças no Ar e Pés na Terra

17H30 - CONTOS E FÁBULAS
Rua dos Bombeiros Voluntários
Teatro Assombrado

18H00 - TEATRO DE MARIONETAS
O GIGANTE
Pátio do Morgado (Palco 3)
Cabeças no Ar e Pés na Terra

18H30 - CONTOS E FÁBULAS
Rua dos Bombeiros Voluntários
Teatro Assombrado

19H00 - TEATRO DE MARIONETAS
D. MANUEL I
Jardim do Morgado (Palco 4)
Cabeças no Ar e Pés na Terra

19H30 - CONTOS E FÁBULAS
Rua dos Bombeiros Voluntários
Teatro Assombrado

22H00 - ENCERRAMENTO DO
MERCADO

ANIMAÇÕES PERMANENTES

A SALOIA E O SALOIO D’ARRUDA
6 e 7 de junho » Horário do Mercado
Recinto do Mercado
Tânia Safaneta

CARROSSEL ARTESANAL
5, 6 e 7 de junho » Horário do Mercado
Largo do Chafariz
António Moura

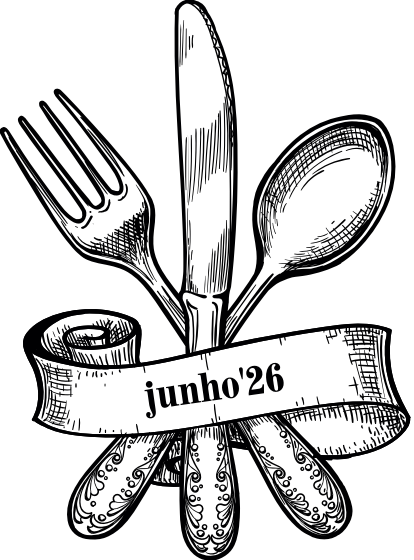
ANIMAÇÃO MUSICAL
5, 6 e 7 de junho » Horário do Mercado
Recinto do Mercado
Gaiteiros Dum Trago, Granus Barbela e Gaiteiros
do Nordeste

MOSTRA DE ARTES E OFÍCIOS
5, 6 e 7 de junho | Horário do mercado
Adro da Igreja de N.ª Sr.ª da Salvação
Junco, Cestaria, Olaria, Ferraria e Máquina do
Tempo

OS BANDOLEIROS
5, 6 e 7 de junho » Horário do mercado
*Recinto do Mercado com acampamento
montado junto à Casa da Câmara*
Saga Stórica



informação
detalhada



Arruda dos Vinhos

MOSTRA GASTRONÓMICA

EMENTA OITOCENTISTA

RESTAURANTES ADERENTES

A Tasca do Russo * Ao Forno Restaurante * Cantinho d’Arruda
Moleiro’s * O Pote d’ Avó Belles * O Saloio
Os Temperos do Rancho * Taberna do Luís

ORGANIZAÇÃO

APOIOS



João Manuel Bexiga Neto
Eva Toubarro
Luís Orlando Serrano
Francisco Manuel Sebastião

Em conformidade com o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD), o evento “Mercado Oitocentista de Arruda dos Vinhos” está sujeito a recolha de fotografia e vídeo para efeitos de divulgação nos meios de comunicação próprios do Município de Arruda dos Vinhos, nomeadamente em páginas de internet, redes sociais, newsletter, revista do município, vídeos promocionais e institucionais, materiais de promoção e divulgação futura, bem como nos meios de comunicação social.